

E o ENEM como fica? Expectativas da educação de surdos em tempos da COVID-19 na e pós pandemia

Resumo: As últimas semanas mostraram cada vez mais a diferença no impacto do fechamento de instituições de ensino público e privado em virtude da emergência em saúde pública de importância nacional, em razão da infecção humana pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2), causa da COVID-19. E nesse cenário agrava-se a situação de estudantes surdos do 3º ano do Ensino Médio que irão realizar o ENEM em 2020. Sendo assim, o objetivo deste ensaio é analisar as expectativas dos estudantes surdos matriculados no ensino médio de uma escola pública do Estado do RN, acerca do ENEM nesse momento de pandemia e pós-pandemia da COVID-19. Utilizou-se como método de pesquisa o estudo de caso. O ensaio evidenciou como resultados que é preciso refletir a respeito do papel da escola na educação inclusiva para surdos, que é marcada por desconhecimento e falta de políticas linguísticas que atendam esse alunado.

Palavras-chave: Educação de surdos. ENEM. Pandemia do coronavírus (COVID-19).

Gabriella Cristina de França Silva Santos

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora tradutora/intérprete de Libras na Rede de Ensino Público Municipal de Natal e na Rede de Ensino Público Estadual do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, Brasil.

 orcid.org/0000-0001-9203-1143

 gabriella_cfs@hotmail.com

Flávia Roldan Viana

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Rio Grande do Norte, Brasil.

 orcid.org/0000-0002-7289-4512

 flaviarviana.ufrn@gmail.com

And ENEM how is it? Expectations of the deaf education in COVID-19 time in and post pandemic

Abstract: The past few weeks have increasingly shown the difference in the impact of the closure of public and private educational institutions due to the public health emergency of national importance, due to the human infection with the new Coronavirus (SARS-CoV-2), cause of COVID-19. And in this scenario, the situation of deaf students in the 3rd year of high school is worsening and will take the ENEM in 2020. Therefore, the objective of this essay is to analyze the expectations of deaf students enrolled in high school at a public school in the state of RN, about ENEM at this time of COVID-19 pandemic and post-pandemic. The case study was used as a research method. The essay showed as results that it is necessary to reflect on the role of the school in inclusive education for the deaf, which is marked by ignorance and lack of linguistic policies that serve this student.

Recebido em 02/09/2020

Aceito em 12/01/2021

Publicado em 14/04/2021

eISSN 2675-1933

 [10.37853/pqe.e202131](https://doi.org/10.37853/pqe.e202131)



Keywords: Deaf education. ENEM. Coronavirus pandemic (COVID-19).

¿Y ENEM cómo es? Expectativas de la educación sorda en COVID-19 time in y post pandémica

Resumen: Las últimas semanas han mostrado cada vez más la diferencia en el impacto del cierre de instituciones educativas públicas y privadas por la emergencia de salud pública de importancia nacional, por la infección humana con el nuevo Coronavirus (SARS-CoV-2), causante de COVID-19. Y en este escenario, la situación de los estudiantes sordos de 3er año de bachillerato está empeorando y tomarán la ENEM en 2020. Por ello, el objetivo de este ensayo es analizar las expectativas de los estudiantes sordos matriculados en el bachillerato de un colegio público del estado de RN, sobre ENEM en este momento de la pandemia y pospandémica de COVID-19. El estudio de caso se utilizó como método de investigación. El ensayo mostró como resultado que es necesario reflexionar sobre el papel de la escuela en la educación inclusiva para sordos, que está marcado por el desconocimiento y la falta de políticas lingüísticas que sirvan a este alumno.

Palabras clave: Educación para sordos. ENEM. Pandemia de coronavirus (COVID-19).

1 Introdução

Quando os municípios e o Estado do Rio Grande do Norte decidiram fechar todas as escolas em 17 de março de 2020 para conter os possíveis impactos da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), causa da COVID-19 (*Coronavirus Disease/ Doença do coronavírus*, identificada pela primeira vez na cidade chinesa de Wuhan), enviando quase um milhão de estudantes para casa, as notícias geraram estranhamento, inseguranças e indecisões. Porém, foi uma medida necessária e mundial, tendo em vista que medidas similares foram tomadas por outros países. Porém, as últimas semanas mostraram cada vez mais a diferença no impacto do fechamento de instituições de ensino público e privado em virtude da emergência em saúde pública de importância nacional, em razão desta infecção humana.

Enquanto as escolas particulares, em sua maioria, mantiveram suas atividades de ensino remoto com elementos de Educação a Distância, as escolas públicas apenas suspenderam as atividades. E, nesse cenário, agrava-se a situação de estudantes surdos do 3º ano do Ensino Médio que irão ou poderão realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2020.

A educação de sujeitos surdos está relacionada à singularidade linguística desses estudantes. O corolário desta afirmação nos leva a duas questões centrais que estão, diretamente, refletidas nos processos de ensino e aprendizagem desse alunado: A primeira refere-se à apresentação dos diversos conteúdos escolares a partir da Língua Brasileira de Sinais - Libras, em um cenário no qual grande parte desses estudantes matriculados nas redes públicas são aprendizes incipientes da Libras (Nascimento, 2013).

A segunda diz respeito aos estudos que revelam que os estudantes surdos que chegam ao Ensino Médio das escolas brasileiras apresentam níveis variados de conhecimento tanto em Libras, considerada pela Lei nº 10.432/2002 e pelo Decreto nº 5.626/2005 a língua materna, primeira língua do indivíduo surdo, quanto em Língua Portuguesa, considerada segunda língua (L2) para o surdo (Pedroso & Dias, 2011).

Diante do contexto exposto, esta pesquisa pretendeu responder à seguinte questão: Quais as expectativas dos estudantes surdos, na e pós pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), causa da COVID-19, acerca do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)? Diante desse questionamento, teve-se como objetivo geral da pesquisa: analisar as expectativas dos estudantes surdos matriculados no Ensino Médio de uma escola pública do Estado do RN, acerca do ENEM neste momento de pandemia e pós-pandemia da COVID-19.

Para uma melhor compreensão dos desafios no âmbito da educação de surdos em tempo de COVID-19 na e pós pandemia, evidencia-se a seguir os principais aspectos referentes à educação de surdos e sua relação com o período vivenciado pela pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), para depois ocorrer uma reflexão sobre esses aspectos no contexto inclusivo de estudantes surdos matriculados no Ensino Médio.

Por fim, tece-se as considerações finais da pesquisa, enfatizando os resultados encontrados e apontando possíveis contribuições desse estudo a pesquisas futuras.

2 Educação inclusiva em tempo de Covid-19 na e pós-pandemia

No Brasil, com a eclosão da pandemia de COVID-19 as perspectivas da educação inclusiva acentuaram-se, visto que, anteriormente, já se anunciava uma preocupação com os espaços territoriais da inclusão escolar. Situação essa que já se agrava diante de uma crise econômica e de redução das políticas sociais, ressaltadas nesse novo cenário social de isolamento e quarentena, diante da negação da crise sanitária por parte dos órgãos competentes e a ausência de políticas públicas federais para o enfrentamento da situação. E, ainda, com uma sociedade regida pelo neoliberalismo regulado pelo capital financeiro global, a tendência de maximizar lucros negligenciando uma vivência humana digna, ressalta os processos de exclusão de direitos e as desigualdades (Carvalho, 2020; Chomsky, 2020; Santos, 2020a, 2020b, Rebelo, Silva & Nascimento, 2020).

4

Ao considerar que, “[...] a escola de poucos de ontem é historicamente diferente da escola de todos (ou quase todos) de hoje” (Patto, 2004, p. 62), levanta-se o ponto nevrálgico quando se discute a educação inclusiva. O intenso crescimento das matrículas de estudantes com deficiência na educação básica a partir da década de 2000 (Quenn, 2012) trouxe o impacto de uma nova clientela, que, por sua vez, trouxe novos problemas pedagógicos, principalmente, a professores do Ensino Médio, pelo despreparo na formação inicial para que este possa dar conta da nova situação que implica compreender as especificidades de aprendizagem desse alunado. Com um currículo, em muitas instituições, voltado prioritariamente para a produtividade intelectual ou profissional, a preocupação com a inclusão no Ensino Médio, não se manifesta.

Nesse sentido, a palavra inclusão tão discutida nos últimos anos no âmbito educacional como também no cenário político e social, nos remete ao pensamento de igualdade e equidade. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008, p. 05), discorre que

O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e

participando, sem nenhum tipo de discriminação. Em relação aos alunos surdos, onde será o foco da pesquisa, eles estão inseridos nesse processo de inclusão dentro da escola por uma questão linguística, onde ele se comunica através da Língua Brasileira de Sinais e podem contar com o auxílio de um intérprete educacional nesse processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, na esfera das políticas educacionais, o Governo Federal, até então, não apresentou políticas e portarias normativas para os períodos atuais de quarentena e isolamento social, ao público alvo da Educação Especial, tendo publicado um único parecer (CNE/CP Nº 5), de 28 de abril de 2020 (Brasil, 2020), para orientar a Educação Básica e a Educação Superior durante o período de pandemia quanto ao ensino remoto emergencial, com a realização de atividades pedagógicas não presenciais, síncronas e assíncronas, e a indicação dos familiares como mediadores nesse processo.

Sabe-se que com a pandemia de COVID-19, no que diz respeito ao Estado do Rio Grande do Norte (RN), as escolas, tanto públicas quanto privadas, tiveram que parar com suas atividades presenciais. Porém, as escolas privadas continuaram com suas aulas de forma remota, e as públicas em sua maioria pararam por diversos fatores, como social e econômico. No dia 04 de maio de 2020 o Governo do Estado do RN publicou no D.O (Diário Oficial) uma portaria de nº 184, no qual dispôs normas para a reorganização do planejamento curricular para o ano de 2020, com a finalidade de orientar os planos de atividades e a inclusão de atividades não presenciais, em regime excepcional e transitório, durante o período de isolamento social motivado pela pandemia da COVID-19.

Essa portaria deu às escolas duas possibilidades a primeira, a de escolher estratégias para que os alunos tivessem acesso a aulas de diversas formas (plataformas virtuais, mídias sociais, videoaulas, canais educativos digitais), desde que os mesmos tenham acesso e possuam condição social e econômica para o ensino remoto, e a segunda é que se a escola observar que os alunos não tenham condições de ter acesso às aulas podem esperar as medidas de isolamento social passar e reorganizar o calendário.

Sendo assim, levando em consideração as condições e realidade dos alunos das escolas públicas, algumas escolas optaram por não adotar as aulas remotas. Com isso vem a questão: como os alunos, surdos e não surdos, principalmente os que estão no terceiro ano do Ensino Médio, iriam se preparar para o ENEM?

O ENEM é uma prova realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia vinculada ao Ministério da Educação do Brasil, e foi criada em 1998. Ela é utilizada para avaliar a qualidade do ensino médio no país e garante ao estudante, a depender de seu desempenho, o ingresso à Universidade pública.

Vale ressaltar que desde 2017 o ENEM, além dos recursos e serviços tradicionalmente oferecidos para atender as necessidades educacionais de candidatos com deficiência, passou a oferecer a videoprova em Libras, disponibilizada em formato digital e em computadores individualizados.

É nítido que o país enfrenta uma pandemia, mas não houve sensibilidade governamental para o cancelamento desta atividade a nível nacional. E, sendo um exame, onde existe uma concorrência, exige uma preparação, e acima de tudo uma estrutura que ofereça recursos para que esse processo de aprendizagem aconteça. Visto que os alunos de escolas particulares continuam com suas aulas, tanto nas escolas como em cursinhos preparatórios, a desigualdade acentua-se quando voltamos nosso olhar para o público-alvo da educação especial.

Voltando essa temática para os alunos surdos, a dificuldade é a mesma ou até mais crítica, pois além de precisarem de uma mediação com um TILS - Tradutor e Intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) que nem todas as escolas têm, o domínio da língua portuguesa como L2 (segunda língua) é algo distante do esperado. Agrava-se a essa situação, o fato de que grande parte dos alunos surdos, nascem em família de ouvintes e aprendem a língua de sinais de forma tardia. Em consequência disso chegam à escola com pouca fluência na sua L1 (primeira língua, que é a Língua de sinais para os surdos) influenciando assim no seu aprendizado da sua L2 (que para o surdo é o português, preferencialmente, na sua modalidade escrita), como afirma Lodi (2014, p. 170) no que diz respeito a fluência do português escrito pelos surdos:

É imprescindível que elas tenham possibilidade de desenvolver linguagem por meio do estabelecimento de relações com interlocutores em Libras, pois, sem este desenvolvimento, torna-se impossível pensarmos na aprendizagem de uma segunda língua, ou seja, da língua portuguesa na modalidade escrita.

Diante do exposto, fica claro que os surdos chegam à escola regular com muitas dificuldades e barreiras linguísticas e, conseqüentemente, de aprendizagem, ficando uma lacuna entre alguns conteúdos, como também no português na modalidade escrita, por isso, alguns desses alunos não se sentem preparados para fazer o ENEM. Encontram-se desestimulados tanto pelas dificuldades encontradas em sua jornada como aluno, como por um momento de distanciamento e isolamento onde estão totalmente distantes do universo escolar devido às recomendações de isolamento social a cerca de seis meses sem ter acesso aos conteúdos programáticos. Dessa forma, como se sentirão preparados para realizar um exame tão concorrido?

Mesmo com a garantia legal da educação bilíngue, os estudantes surdos enfrentam dificuldades de ensino e aprendizagem para alcançar a compreensão dos conteúdos disciplinares (Carvalho, Cavalcanti & Silva, 2019). No Estado do RN os estudantes surdos contam com o apoio e o acompanhamento de professores tradutores/intérpretes de Libras que deveriam atuar junto aos professores regentes das disciplinas. Porém, na prática, muitas vezes cabe a esses profissionais o ensino de Libras, tendo em vista a não proficiência desse alunado à própria língua, e o ensino de língua portuguesa na modalidade escrita.

Compete, então, a esses profissionais conduzir todo o processo de aquisição de conhecimentos pelo aluno surdo, buscando uma perspectiva interacionista para o ensino de ambas as línguas, através de estratégias didático-metodológicas construídas isoladamente, na tentativa do ensaio e erro.

Em pesquisa acerca do ensino de língua portuguesa para surdos, através de revisão integrativa da literatura, Carvalho, Cavalcanti e Silva (2019) colocam que muitos pesquisadores indicam estratégias para que as barreiras de aprendizagem sejam superadas pelos alunos surdos, tais como: ensino da Libras pela modalidade escrita (*SignWriting*), o uso de recursos digitais nas aulas de língua portuguesa, produção coletivas de textos, entre outros. Porém, em tempos de ensino remoto a condução desse processo precisa ser mediada por ambos os professores, tradutores/intérpretes de Libras e professores regentes das disciplinas, de forma mais eficaz e presente.

A ausência dessa parceria é refletida nos resultados encontrados nesta pesquisa. O estudo de caráter exploratório partiu da análise do discurso de dois alunos surdos de uma escola pública da cidade do Natal (RN) e teve como ancoragem a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano.

3 Caminhos da pesquisa – questões metodológicas

A pesquisa contribui para ampliar a percepção sobre a realidade, pois, de acordo com Minayo (2011, p. 16), “alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação”.

Nesse sentido, expressa-se a importância de utilizar-se o estudo de caso como referencial metodológico para esta pesquisa, pois cada caso entoa uma experiência singular, mas que pode vir a subsidiar outras pesquisas (Minayo, 2011), afirmando ou refutando teorias. De acordo com Chizzotti (2005, p. 102),

Um estudo de caso é uma caracterização abrangente, para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora.

Dessa forma, a análise dos dados coletados seguiu uma abordagem qualitativa, pois objetivou-se captar as representações subjetivas dos participantes e favorecer “a intervenção dos agentes em sua realidade ou organizar a ação coletiva para transformar as condições problemáticas” (Chizzotti, 2005, p. 90), e um paradigma interpretativo, tendo em vista que a interpretação de um fenômeno depende, sobretudo, da percepção dos indivíduos envolvidos e do contexto no qual estão inseridos.

Para a coleta de dados utilizou-se o questionário sinalizado. As perguntas dos questionários foram traduzidas da língua portuguesa para a Libras (Língua Brasileira de Sinais). E os participantes podiam responder por escrito ou sinalizando. Organizado em forma de formulário no *Google Forms*, o questionário foi enviado via *WhatsApp* para que os alunos surdos pudessem responder. O questionário abordou questões relacionadas às estratégias que a escola está utilizando para manter o contato com o

aluno surdo, em tempo de pandemia, como também, de que forma esse aluno surdo está se preparando ou não para o exame, e quais recursos didáticos ele está tendo acesso.

Os sujeitos da pesquisa são alunos surdos do Ensino Médio de uma escola estadual do RN, acompanhados pela pesquisadora que atua como professora tradutora/intérprete da Secretaria Estadual de Educação do Estado.

Ressalta-se que, o artigo aqui apresentado compõe os estudos realizados no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “Tempos de aprendizagens no contexto da acessibilidade comunicacional e da educação bilíngue para surdos na educação básica e no ensino superior: Os novos desafios de ensinar”, submetido e aprovado pela Pró-reitoria de Pesquisa (PROPESQ) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Respeitando os procedimentos éticos, os sujeitos da pesquisa serão identificados pelas siglas: S1, S2 e S3.

4 ENEM, estudante surdo, em tempo de COVID-19

A discussão dos dados está ancorada nos pressupostos do materialismo histórico-dialético que traz uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, que se constrói no trabalho coletivo e o processo de ensino e aprendizagem configura-se como um processo mediado, pois a apropriação do conhecimento se dá na troca com o outro, e mediatizante, a medida em que potencializa a participação do indivíduo em práticas sociais transformadoras.

O percurso escolar do aluno surdo, em situação de inclusão, traz uma trajetória marcada por adaptações e improvisos pedagógicos. Avelar e Freitas (2016) ressaltam que para um ensino inclusivo efetivo de alunos surdos, cabe ao professor conhecer e valorizar a cultura surda, explorar a literatura surda, e não perder de vista que a Libras é a primeira língua para esse alunado.

Os três participantes da pesquisa são surdos, proficientes na língua de sinais e tiveram aquisição tardia da língua, no próprio âmbito escolar. São alunos da rede pública estadual de ensino e, atualmente, fazem o 3º ano do Ensino Médio. S1 é do sexo feminino, S2 e S3 são do sexo masculino.

S1 não respondeu ao formulário. A não participação foi justificada por ela. Não queria participar da pesquisa porque não se inscreveu no ENEM. Ao ser questionada por que não havia feito a inscrição, a mesma respondeu que não se inscreveu por achar muito difícil e não se sentir capaz para obter êxito no exame.

Esse fato indica o que a pesquisadora Vivas (2016, p. 68) discutiu em sua pesquisa, de que “o percurso dos alunos surdos, de modo geral, é atravessado por diversos problemas determinados por um conjunto de fatores extra e intra escolares, que aparecem articulados às dificuldades individuais e familiares que podem influenciar o destino escolar”.

Desse modo, não se pode desconsiderar que o automatismo das práticas pedagógicas por grande parte dos professores afasta, muitas vezes, os estudantes surdos da escola. Desmotivados por se depararem com práticas estéreis que não levam em consideração suas especificidades de aprendizagem, esse alunado vai internalizando um fracasso escolar que poderia ser superado com práticas inclusivas bilíngues, respeitando sua diferença linguística de ter a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua.

Outro fator a ser ponderado com esse discurso do sentimento de incapacidade é o fato das escolas inclusivas da região pesquisada não possuírem o profissional surdo no ambiente escolar, atuando como professor de Libras nas turmas ou atuando no atendimento educacional especializado para o aluno surdo, o que contribuiria para a formação da sua identidade enquanto pessoa surda. Como coloca Pimenta (2001, p. 24), de que

a surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana, pois ser surdo não é melhor ou pior que ser ouvinte, é apenas ser diferente. Se considerarmos que surdos não são "ouvintes com defeito", mas, pessoas diferentes estaremos aptos a entender que a diferença física entre pessoas surdas e pessoas ouvintes gera uma visão diferente de mundo, um "jeito ouvinte de ser" e um "jeito surdo de ser", que nos permite falar em uma cultura da visão e outra da audição.

É preciso considerar a subjetivação dos indivíduos surdos, permitindo a participação e o acesso, desse público, aos saberes valorizados socialmente, por meio da língua de sinais, respeitando sua cultura e identidade surda. Caminho que permite o aprendizado de uma segunda língua de forma eficiente, por meio de uma práxis

pedagógica pautada na diversidade linguística. Na perspectiva histórico-cultural a subjetividade está em contínua construção, a partir da própria cultura, no qual o sujeito é constituído e, também, constituinte, e parte das intersecções entre indivíduo e sociedade, tendo por base as trajetórias de vida e vivências afetivas do sujeito (González Rey, 2012).

Quanto às respostas de S2 e S3 que responderam ao questionário, revelam que diante do cenário pandêmico a escola não está dando suporte aos alunos surdos no que diz respeito aos conteúdos disciplinares.

A justificativa da escola de parar suas atividades recai na constatação de que grande parte dos alunos não possuem acesso às atividades remotas em casa. O cenário da pandemia de COVID-19 intensificou os problemas de acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação, conforme pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

Porém, mesmo diante de todas as dificuldades, os alunos surdos disseram que tinham acesso à internet em casa, mas que não estavam estudando de maneira independente, pois não tinham o suporte familiar, já que a família não é proficiente em Libras, e tinham dificuldades em tirar dúvidas, pois muitas vezes os professores tradutores/intérpretes de Libras não dominavam o assunto. Avelar e Freitas (2016) ressaltam a importância de os professores conhecerem a língua de sinais, que é a língua pela qual o surdo constrói significados e formulam uma noção de mundo, de modo interativo.

O intérprete educacional é um mediador entre a atividade de ensino do professor e a atividade de aprendizagem do aluno surdo. Na pertinência das considerações da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, no âmbito da sala de aula, nem todo ensino conduz à aprendizagem. Dessa forma, é necessário, sobretudo, a organização do ensino, efetivamente vinculado à aprendizagem, para que se construa a motivação para esse processo (Daniels, 2011; Viana & Barreto, 2014).

O relato dos sujeitos S2 e S3 quanto a não proficiência da família é discutida por pesquisadores como Negrelli e Marcom (2006), Santiago et al (2019), que reforçam a

importância da família na comunicação dos surdos através da língua de sinais, tendo em vista ser, a família, o primeiro contato do indivíduo com as interações com o mundo.

Dessa forma, em uma análise sob uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, a família é o núcleo no qual os primeiros traços constitutivos do sujeito serão desenvolvidos. E nessa vivência entre o meio e o sujeito, Vygotsky alerta que o desenvolvimento da linguagem ocorrerá nos diferentes acontecimentos vivenciados de diferentes maneiras, sendo, então, imprescindível que a comunicação seja efetiva. E, no caso de sujeitos surdos, aconteça mediada pela língua de sinais.

Quando questionados acerca da inscrição no ENEM, ambos responderam que não pretendiam fazer o ENEM, pois achavam a prova muito difícil, principalmente a da área da língua portuguesa.

Estudos (Guarinello, 2007, 2012; Lodi e Lacerda, 2009; Avelar & Freitas, 2016) evidenciam que o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa pelo sujeito surdo ainda é uma questão bastante discutida pelos pesquisadores da área, já que ainda se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem, inúmeras reprovações e evasão escolar.

Vale ressaltar que, além da desmotivação para a aprendizagem, há que se considerar a dificuldade que eles demonstram em não perceber a utilidade e a aplicabilidade do que tentam aprender. Para Silva (2010, p.08), “as dificuldades encontradas em sala de aula, no processo de educação bilíngue dos surdos, estão relacionadas à falta de interesse e participação dos pais, à inaplicabilidade da legislação vigente, à falta de domínio da Língua Brasileira de Sinais pelos professores, entre outros”.

Quando buscase uma análise histórico-cultural do processo de ensino e aprendizagem, considera-se que os conteúdos disciplinares passam a ter importância pelos sentidos subjetivos, e a escola, como espaço intersubjetivo, representa uma intrínseca relação com a sociedade como um todo e com as histórias singulares de seus atores sociais. Nesse sentido, os processos de mediação a que Vygotsky se refere, dão sentido e significado à atividade de aprendizagem do aluno, imbricado, de forma constante, de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos.

Os estudantes surdos foram questionados, também, se diante da pandemia de COVID- 19, houve prejuízo em seu processo de aprendizagem de conteúdos para fazer as provas. Seguem os depoimentos:

“Sim, porque em português com Enem, mas difícil, mas Coronavírus não fácil”. (S2, 2020)

“Não” (S3, 2020)

O depoimento de S1 traz uma reflexão interessante e ao mesmo tempo preocupante, que é o letramento do sujeito surdo. O estudante surdo não possui a possibilidade de estar inserido em práticas sociais cotidianas e corriqueiras de leitura e escrita assim como o estudante não surdo; além disso, muitos chegam à escola desconhecendo a própria língua materna, a língua de sinais. Soma-se a essa não proficiência em nenhuma das línguas a falta de diversificados materiais de leitura, incluindo a literatura surda, para que esse sujeito possa construir hipóteses sobre a língua escrita portuguesa respeitando as funcionalidades de sua língua materna (Guarinello, 2012; Ochiuto et al, 2018).

Os alunos surdos também foram questionados se estavam estudando em casa, quais eram as maiores dificuldades de estudar em casa e o que eles achavam que teriam mais dificuldade se fossem fazer a prova. Frente a essas perguntas observa-se que a maioria das respostas se voltam para a questão da dificuldade do português e fazendo referência do quanto a prova do ENEM é difícil para eles. Seguem as respostas:

“Ahhh, eu ainda não porque mais português Enem coisa difícil tá certo (...) Sim mais ou menos difícil(...) Sim, é porque mais português Enem difícil” (S1, 2020)

“Talvez, eu sozinha estudei tenta fazer coisa errada ou certo (...) Acho sim, ENEM difícil eu não, dúvidas sobre o que Enem”. (S2, 2020)

Os discursos dos alunos surdos, mais uma vez, colocam a questão da dificuldade com o português escrito em destaque. A escola exige do surdo um português com a mesma estrutura de um português como língua materna, e não compreende que o surdo tem uma primeira língua (L1), língua materna, com estrutura diferente, que é viso-espacial, e que utilizará desta para aprender a língua portuguesa.

Porém, essa afirmação não significa que é preciso substituir a língua portuguesa pela Libras, na educação de surdos. De acordo com o parágrafo único da Lei nº 10.436/02 (Brasil, 2002), a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa, que para os Surdos é uma segunda língua. Porém, como é previsto no art.14, parágrafo 1º, inciso II, do Decreto 5.626/05 (Brasil, 2005), é um direito do surdo o ensino da língua portuguesa como segunda língua.

Dessa forma, novas práticas didático-metodológicas precisam ser criadas para atender às necessidades educacionais desse alunado. E, para que o desenvolvimento da L2 (segunda língua), a língua portuguesa, pelo surdo ocorra de forma significativa é importante que o surdo tenha uma educação bilíngue que segundo Lodi e Lacerda (2009, p. 145):

A proposta educacional bilíngue tem como principal fundamento que a língua de sinais deve ser a base linguística (primeira língua ou L1) para o ensino-aprendizagem da língua escrita, que passa a ser concebida como segunda língua para os sujeitos surdos. O processo de desenvolvimento da L1 deve ser realizado para os sujeitos surdos adultos usuários da língua e participantes ativos do processo educacional de seus pares e o ensino-aprendizagem da L2 realizado como língua estrangeira. Considera-se, portanto, as particularidades e a materialidade da língua de sinais e os aspectos culturais a ela associados.

Porém, o modelo de educação inclusiva utiliza a língua de sinais como um “complemento” para que os alunos surdos compreendam os conteúdos ministrados, e no que diz respeito a disciplina de língua portuguesa é oferecida como primeira língua, tornando assim de difícil acesso ao aluno surdo.

Nesse bojo, a participação dos alunos surdos está vinculada à acessibilidade linguística, à implementação de uma pedagogia visual, ao respeito a sua cultura e identidade surda, em uma escola na qual possam ser bilíngues, capazes de compreender e serem compreendidos e de serem partícipes da comunidade escolar, superando os ensejos históricos da segregação educacional.

Por fim, foi perguntado aos alunos surdos se eles tinham alguma informação sobre curso online preparatório para o ENEM e se ele tinha acessibilidade em Libras. Os alunos responderam que não tiveram acesso a esse tipo de curso e não receberam nenhuma oferta em relação a isso. Com isso, essas informações mostram que os alunos entrevistados estão sem suporte pedagógico tanto no acesso aos conteúdos pela escola,

por estar sem funcionamento por causa da pandemia, como em casa, pois não recebem informações sobre o tema, e não se sentem preparados nem estimulados para fazerem o exame, visto que não fizeram a inscrição e não sabem se vão fazer.

A acessibilidade comunicacional é essencial para o surdo ter acesso às informações. A falta desse meio acessível mantém o estudante surdo afastado de oportunidades educacionais, pois cria barreiras na comunicação interpessoal, escrita e virtual (acessibilidade digital) (Viana et al, 2019).

Diante do exposto, o papel da escola nesse processo de estimular o aluno a participar dos exames nacionais é essencial, mas diante da situação de pandemia de COVID-19 e a maioria das escolas fechadas, dificulta esse processo de interação e encorajamento para que os surdos visem profissões futuras e se sintam capazes de irem atrás do que pretendem.

Os reflexos dos discursos aqui analisados descortinam a inclusão deficitária que não consegue atender as especificidades de ensino e aprendizagem de seus estudantes surdos. Ao discutir sobre o ENEM com estudantes surdos, a questão do processo de aprendizagem da língua portuguesa se sobressai, expondo que o uso de metodologias educacionais baseadas em estratégias descontextualizadas, repetitivas, com base na oralidade não são eficientes para o ensino desta língua para o alunado surdo.

O direito ao acesso à informação, a uma educação de qualidade e, sobretudo, ao uso da Libras como primeira língua, são pontos que precisam ser discutidos pela escola com a intenção de buscar soluções para atender a essas demandas.

5 Conclusões

O ensaio dá visibilidade ao fato de que a escola precisa ser bilíngue para ser inclusiva aos sujeitos surdos e o ensino remoto poderia viabilizar a sua presença na vida desses alunos. Dessa forma, como resultados evidenciou-se que é preciso refletir a respeito do papel da escola na educação inclusiva para surdos, que é marcada por desconhecimento e falta de políticas linguísticas que atendam a esse alunado. Os desafios que se colocam são muitos, mas é preciso a construção de uma proposta

inclusiva, pautada nas possibilidades de um ensino que atenda ao princípio de aceitação das diferenças e respeito às particularidades de cada indivíduo.

O discurso dos estudantes surdos revela que, além de não terem acesso às aulas, os que têm acesso à internet não estão sendo preparados para o ENEM, pois só estão vendo conteúdos já ministrados anteriormente. Como a literatura indica, a maioria dos alunos surdos nascem em famílias ouvintes, muitos deles não tem uma comunicação plena com seus familiares, e se reúnem muito entre eles, em comunidade, dificultando assim, com que a família estimule esses alunos a participarem de exames, e muitos deles são resistentes a fazer, pois não se sentem preparados, tanto pelo fato da dificuldade com o português escrito como a falta de acesso a alguns conteúdos abordados.

Diante disso, perante o cenário que estamos vivendo e que não era previsto em relação a pandemia de COVID-19, as escolas e os professores estão sem poder dar assistência a esses alunos devido aos diversos fatores relatados anteriormente: social, econômico e pandêmico. Dessa forma, os alunos estão sem orientação em relação ao ENEM, como também desestimulados, pois a maioria deles precisam do apoio da comunidade escolar, e principalmente dos professores e intérpretes para orientá-los e direcionar desde o momento da inscrição, do processo de estudo, até as orientações relacionadas a aplicações das provas.

Mesmo ainda não sendo possível a superação das limitações educacionais em relação aos encaminhamentos bilíngues na educação de surdos, mesmo considerando que a formação docente volta-se predominantemente para o ensino de alunos sem deficiência e não surdos, pensa-se enfaticamente ser possível afirmar uma escola calcada em pressupostos bilíngues a partir da desconstrução da ideia de uma hegemonia ouvintista e da supremacia linguística da oralidade. As demandas de ensino e aprendizagem desse alunado precisam estar voltadas para as questões de formação de identidade, língua e cultura surda para que sejam atendidas.

Por fim, o presente artigo procurou contribuir de forma significativa no que diz respeito à temática pesquisada. Levando em consideração as dificuldades de abranger o número de entrevistados diante do cenário atual, pretende-se deixar abertas as

possibilidades de ampliar a pesquisa ao fim da pandemia, para que mais estudantes possam ser “ouvidos”.

Referências

- Avelar, T. F., & Freitas, K. P. de S. (2016). A importância do português como segunda língua na formação do aluno surdo. *Revista Sinalizar*, 1(1), 12-24.
- Carvalho, M. E. de., Cavalcanti, W. M. A., & Silva, J. A. da. (2019). Ensino de Língua Portuguesa para surdos: uma revisão integrativa da literatura *Rev. CEFAC*, 21(5), 9818 – e9829.
- Carvalho, L. (2020). *Curto-circuito: o vírus e a volta do Estado*. São Paulo: Todavia.
- Chizzotti, A. (2005). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Chomsky, N. (2020). Capitalismo selvagem e a sobrevivência da humanidade. In: Tostes, A & Melo Filho, H. (Orgs.). *Quarentena: Reflexões sobre a pandemia e depois*. (pp.161-170). Bauru: Canal 6.
- Daniels, H. (2011). Support for children and schools through cultural intervention. In: Daniels, H.; Hedegaard, M. (Orgs.). *Vygotsky and special needs education: rethinking support for children and schools*. (pp. 153-169). London: Continuum.
- Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. (2005). Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- González Rey, F. (2012). A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In : Martinez, A. M., Scoz, B. J. L., & Castanho, M. I. S. (Orgs.). *Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco* (pp. 21-41). Brasília: Líber Livro.
- Guarinello, A. C. (2012). Alunos Surdos e linguagem escrita. *Presença Pedagógica, Editora Dimensão*, 18(105), 13-17.
- Guarinello, A. C. (2007). O papel do outro na escrita dos sujeitos surdos. São Paulo: Plexus.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2020). *Pandemia dificulta acesso de 28,6 milhões de pessoas ao mercado de trabalho em maio*. Retirado em 18 de junho de 2020, de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27972-pandemia-dificulta-acesso-de-28-6-milhoes-de-pessoas-ao-mercado-de-trabalho-em-maio>
- Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. (2002) Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.
- Lodi, A. C. B., & Lacerda, C. B. F. (2009). A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos no ensino infantil e fundamental: princípios, breve histórico e perspectivas. In: LODI, A. C. B., & Lacerda, C. B. F. (Orgs.). *Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. (pp. 7-32). Porto Alegre: Editora Mediação.
- Lodi, A. C. B. Ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos: impacto da educação básica. (2014). In: Lacerda, C. B. F., & Santos, L. F. dos. *Tenho um aluno surdos e agora? Introdução a Libras e educação de surdos*. (pp. 165-183). São Carlos: EdUFSCar.
- Minayo, M. C. de S. (2011). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Nascimento, S. P. de F. do. (2013) *Relatório com reflexão analítica sobre a produção em Língua de Sinais Brasileira (Libras) da prova de Matemática da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) 2013*. Relatório técnico. Brasília, Inep.
- Negrelli, M. E. D., & Marcon, S. S. (2006). Família e criança surda. *Ciência, Cuidado e Saúde*. Maringá, 5(1), 98-107.
- Ochiuto, E. F. A. da S., & Constâncio, R. de F. J. (2018). A aquisição da LIBRAS como L1 e da língua portuguesa como L2 PARA surdos: Uma visão funcionalista. *Polifonia*, 25(39), 183-302.
- Parecer CNE/CP Nº 5, de 28 de abril de 2020*. (2020). Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.

- Patto, M. H. S. (2004). Formação de professores: o lugar das humanidades. (2004). In: Barbosa, R. L. L. *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: Editora UNESP.
- Pedroso, C. C. A., & Dias, T. R. da S. (2011). Inclusão de alunos surdos no ensino médio: organização do ensino como objeto de análise. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, 19 (20), 134-154.
- Pimenta, N. (2001). Oficina-palestra de cultura e diversidade. *Anais do VI Seminário Nacional do INES*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos. Retirado em 25 de agosto de 2020, de: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002966.pdf>
- Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. (2008). Brasília: MEC.
- Queen, M. (2012). Inclusão no Ensino Médio ainda é para poucos. *Revista Nova Escola* (digital). Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/2875/inclusao-no-ensino-medio-ainda-e-para-poucos>.
- Rebelo, L. M. B., Silva, M. L. A., & Nascimento, A. P. de M. do. (2020). O desafiante cenário educacional com a Covid-19: metodologias ativas e tecnologias digitais em debate. *Pesquisa E Ensino*, 1, e202039. <https://doi.org/10.37853/pqe.e202039>
- Santiago, L. M., Santos, L. A., Santos, M. G. dos., & Silva, I. B. de O. (2019). Surdez e família: A comunicação entre surdo e ouvinte no contexto familiar. In: *Anais EPLIS II*. (pp. 1-12). Amargosa (BA): Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Retirado em 25 de agosto de 2020, de: <https://www3.ufrb.edu.br/eventos/iiieplis/wp-content/uploads/sites/38/2020/03/11-SURDEZ-E-FAM%C3%8DRIA.pdf>
- Santos, B. de S. (2020a). *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina.
- Santos, B. de S. (2020b). Brasil tiene dos problemas de salud pública: la pandemia y el presidente Jair Bolsonaro. Pensar la Pandemia. *Observatório social del coronavirus*, n. 7.
- Silva, R. C. J. da. (2010). *A formação do professor de alunos surdos: concepções, dificuldades e perspectivas*. Dissertação de Mestrado em Educação. Brasília:

Universidade de Brasília. Retirado em 25 de agosto de 2020, de:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190799>

Viana, F.R., & Barreto, M.C. (2014). *O ensino de matemática para alunos com surdez: Desafios docentes, Aprendizagens discentes*. Curitiba, PR: Editora CRV.

Viana, F. R., Alves, J. F., Silva, I. S. F. A., Emil, Rafael. (2019). Acessibilidade comunicacional em videodocumentário: da criação (invitro) a validação de sinais-termo na LSB. *Anais do 7º Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural*. (pp. 108-114). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Retirado em 25 de agosto de 2020, de: <https://www.ufrgs.br/7enac/anais/>

Vivas, D. B. P. (2016). *Análise das explicações produzidas por estudantes surdos*. Dissertação de Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Salvador: Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana. Retirado em 25 de agosto de 2020, de: encurtador.com.br/inEJT